

RESENHA – Susana de Castro

Produção de presença – o que o sentido não consegue transmitir. Hans Ulrich Gumbrecht. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto e PUC-Rio, agosto de 2010. 206 pp.

A primeira coisa que chama a atenção neste livro é a sua capa. Nela o leitor se depara com uma foto em preto em branco do rosto do autor. Achei estranha essa escolha, incomum para os padrões usuais de capa de livros de filosofia, normalmente neutras e impessoais. Achei que talvez pudesse ter sido uma opção do editor brasileiro, mas depois verifiquei que se trata da mesma capa do original inglês (Stanford University Press, 2004). A escolha, portanto, não havia sido aleatória.

O leitor entenderá o porquê da opção pela capa com o rosto do autor na medida em que for lendo o livro. O objetivo do livro é o de reconfigurar “algumas condições de produção de conhecimento nas Humanidades”, isto é, forjar uma nova epistemologia para as ciências humanas. Busca apontar para possibilidades não hermenêuticas e não metafísicas de conhecimento. A ligação entre a hermenêutica e a metafísica fica clara quando Gumbrecht define metafísica como a “atitude, quer cotidiana, quer acadêmica, que atribui ao sentido dos fenômenos um valor mais elevado que à sua presença material”. A hermenêutica é o método preponderante de conhecimento nas humanidades; um texto traz sentidos que devem ser postos a descoberto pelo intérprete treinado. A técnica interpretativa é a principal ferramenta das ciências humanas, mas não precisa ser a única. A centralidade que essa técnica dá ao sentido e ao pensamento, a sua desconfiança com relação à materialidade (e ao corpo), faz com que seja correto atribuir-lhe uma atitude metafísica, no sentido acima referido de metafísica.

A intuição de que poderia haver outras formas de abordagem dos fenômenos das ciências humanas que não fosse exclusivamente através do sentido e da interpretação, não surgiu do nada, na meditação silenciosa do acadêmico. Gumbrecht dedica o primeiro capítulo de seu livro a descrever os acontecimentos decisivos (a “pré-história”) que o foram conduzindo ao longo de uma década em direção à produção de presença como forma de conhecimento nas humanidades. O autor relata eventos que ocorreram em Dubrovnik (cidade da antiga Iugoslávia, atualmente localizada na Croácia) e no Brasil. Entre todos os acontecimentos relatados, destaca-se a decisão tomada durante um passeio pela cidade de Dubrovnik, em 1985. Neste dia um grupo de acadêmicos

conseguiu dar nome a um ‘remédio’, “materialidade da comunicação”, para uma angústia comum, a distância do mundo e de seus objetos provocada pela onipresença da interpretação e do sentido em suas respectivas áreas de atuação acadêmica. Esse seria o tema do próximo encontro em Stanford. Com a expressão “materialidade da comunicação” Gumbrecht e seus amigos conseguiram verbalizar a possibilidade de tratar a comunicação nas ciências humanas não somente desde a perspectiva da busca de *sentido* para a fala e o texto (as duas materialidades mais comuns no meio acadêmico). Descortinava-se assim um novo horizonte em cujo âmbito o autor desde então orientou seu trabalho, na busca de novos conceitos para a tarefa de lidar com um modo de comunicação via matéria dos fenômenos, via percepção da matéria, do modo como afeta nossos sentidos. Esse afetar da percepção pelos objetos espaciais é o que caracteriza a produção de presença, e esse afetar não é mediado pelo conceito, pelo pensamento ou pela cultura, é, portanto, vazio de conteúdo. Presença é “a relação espacial com o mundo e os seus objetos”. Não há do lado do observador uma intencionalidade atuante em busca de sentido quando ocorre a produção de presença, mas tão pouco se pode dizer que a presença ocorra na pura materialidade. Gumbrecht arrisca a “sujar as mãos” quando para descrever o fenômeno da produção da presença fora do esquema sujeito-objeto traz de volta o conceito aristotélico de substância. Apesar de a substância ser um tabu nas ciências humanas, isto é, um conceito considerado de mau gosto na atual era da pós-modernidade, marcada pela preponderância da perspectiva *construcionista*, Gumbrecht não vê outra alternativa para sair da asfixia do binômio ‘sujeito – objeto’ (como ficará claro no decorrer do livro, a descrição da produção de presença se adéqua principalmente à análise dos efeitos comunicacionais de objetos *espaciais*, tais como espetáculos teatrais e esportivos, e obras de arte). Além da noção aristotélica de substância, o recurso mais inspirador para desenvolver a reflexão acerca da presença é a noção heideggeriana de Ser. Heidegger teria sido o primeiro filósofo pós-metafísico, que desenvolve sistematicamente um conjunto de conceitos para concorrer com o primado do sujeito separado do mundo em voga nas ciências humanas.

Um dos grandes trunfos desse livro é o de conseguir sintetizar de maneira clara e precisa o grande embate de ideias que ocorre na passagem da Idade Média para a Primeira Modernidade e da Primeira Modernidade para a Segunda Modernidade. Esse relato deixa claro que as motivações por trás da história das mentalidades produzem critérios distintos de produção de conhecimento. De uma maneira geral, Gumbrecht

defende que na Idade Média a autodescrição do homem não envolvia sua separação do mundo, enquanto na modernidade o homem passa a se considerar como observador do mundo e produtor ativo de conhecimento. Essa alteração na ótica de autorreferência tem grandes efeitos na produção de conhecimento, que deixa de ser pautada pela materialidade e pelo corpo, pela crença de que a matéria comunica, e passa a ser orientada pela noção de que por trás da materialidade há um sentido que precisa ser desvelado e somente o homem é capaz de realizar isso. Quando o homem na modernidade passa a se considerar estranho ao mundo, surge uma distância entre ele e as coisas. Estas, por outro lado, deixam de ter a capacidade de aparecerem por conta própria; as coisas só são autorizadas a 'ser' algo, na medida em que o homem, o sujeito pensante, lhes autoriza existência ao dar-lhes sentido.

Na passagem da Primeira Modernidade para a Segunda surge uma nova autodescrição do homem, segundo a qual além de ver o mundo de fora, ele também se vê vendo o mundo. Há, assim, um observador de primeira e outro de segunda ordem. O segundo observador põe em xeque uma série de questões não problematizadas na primeira modernidade, como as diversas perspectivas acerca de um objeto ou a diferença entre a experiência conceitual e a percepção. As ciências humanas vão resolver esse problema de dois modos. Com relação ao primeiro problema, ela vai passar a adotar o método narrativo como modelo de investigação. A narração ao invés da pura descrição de fatos permite que o narrador inclua diversas perspectivas em uma só narrativa. Com relação ao problema da incompatibilidade entre a percepção e a experiência, as ciências humanas vão optar por preferir como critério para o conhecimento os dados da experiência conceitual. A partir de então as ciências humanas passam a adotar a perspectiva fenomenológica idealista que conduzirá contemporaneamente à perspectiva construtivista, segundo a qual a matéria pode ser transformada de acordo com a vontade do homem, sua cultura.

Gumbrecht vê afinidades (e diferenças) entre o seu pensamento e o de alguns pensadores contemporâneos, tais como Umberto Eco, Jean-Luc Nancy, Gianni Vattimo e Judith Butler. Mas o autor central para a proposta de Gumbrecht de criação de uma alternativa não dualista de conhecimento nas ciências humanas é Martin Heidegger.

Para Gumbrecht, a noção de Ser em Heidegger substitui a centralidade da noção de verdade das filosofias metafísicas, marcadas pela ênfase na racionalidade, pela desconsideração da percepção como fonte de conhecimento e, conseqüentemente, pela desconsideração do espaço e da matéria percebidos como fonte de conhecimento. De

certa maneira, Gumbrecht deixa subentendido que a sua visão e a de Heidegger representam uma retomada de um modo de autorreferência humano próprio da época medieval, quando o homem se via parte do mundo e não excêntrico a este. Se em *Ser e Tempo* encontramos o rompimento com a dualidade cartesiana ‘sujeito e objeto’ através da análise do ser-aí (Dasein), isto é, do ser-no-mundo, e não separado do mundo, do homem, a análise estrita do Ser só aparece no ensaio *A origem da obra de Arte*. Gumbrecht oferece ao leitor nessa parte do livro uma análise clara dos objetivos da filosofia de Heidegger.

Finalmente, depois de ter ido ao passado pessoal e o da filosofia, e chegado ao presente das ciências humanas, Gumbrecht termina seu livro falando do futuro das humanidades. Ao invés de falar das humanidades de uma maneira em geral, ele prefere falar de três de suas áreas disciplinares, a estética, a história e a pedagogia. Cada qual apresenta um modelo de configuração específica de produção de presença. O fenômeno estético (incluindo aqui o espetáculo esportivo) produz presença de modo *epifânico*, ou seja, na forma de eventos. Esses eventos são inesperados e únicos, não voltam a ocorrer, mas quando ocorrem provocam fascinação. A fascinação é o resultado de uma tensão entre a efemeridade da presença e a consciência da singularidade do fenômeno, isto é, a impossibilidade de compará-lo com outra ocorrência. Nesse momento epifânico o estado do espectador e do artista/jogador é o de sintonia com as coisas do mundo. Em um momento em que estamos saturados de sentidos, as artes e os esportes têm esse poder de nos devolver às coisas do mundo. Por outro lado, a produção de presença na história se dá através da *presentificação do passado*, enquanto que a produção de presença na pedagogia se dá através da *dêixis*, ou seja, o professor não antecipa o sentido da experiência ao aluno, mas apenas orienta-o a estar preparado para o possível surgimento do ser (que logo se esconde). Estar preparado para o possível surgimento do ser significa alcançar um estado de concentração (insularidade) e serenidade que permita o esvaziamento da consciência, a abertura para o nada. O ser surge do nada, isto é, ele surge desde um lugar que não está preenchido pela cultura e pelo sentido.

O livro de Gumbrecht me fez lembrar a *Arte como experiência* do John Dewey e o *Estética pragmatista* de Richard Schusterman. Ambos dão um papel central aos sentidos, à percepção e ao corpo na experiência estética. Mas, diferente dos dois pragmatistas, Gumbrecht não acha que a estética e a ética possam andar juntas ou que os fenômenos estéticos possam ser edificantes.

Este livro é altamente recomendável para todos os que buscam, como o autor, alternativas para o método e o vocabulário das ciências humanas, excessivamente centrados na análise e interpretação do sentido do texto.

Por Susana de Castro